

FINADOS

Era como se fosse tempo de festa, todos muito bem trajados, grupinhos aqui e ali conversando alegremente, bancas de flores, de lanches e até de bugigangas espalhadas pelas esquinas, muitos abraços e sorrisos, as pessoas são assim mesmo, qualquer oportunidade serve para um dedo de conversa. Dos finados mesmo, só a tristeza de passamentos mais recentes, porque a lembrança dos demais, daqueles que partiram há mais tempo, já não causava tanta dor, essa é a formidável mágica do tempo.

Juvenal, modesto comerciante da cidade, caminhava entre as lápides do cemitério, adornadas com mil flores coloridas, um espetáculo muito bonito, afinal as almas não de preferir mesmo essa beleza a choros e velas que não acrescentam e nem mudam nada, se bem que também havia muitas velas acesas. Eram tantas que às vezes o vento mudava de direção e trazia aquele cheiro fúnebre de cera derretida, pelo sim pelo não é melhor mesmo acendê-las, vai ver que algumas almas penadas ainda precisem delas.

Seus pensamentos, contudo, estavam no estranho episódio da noite anterior, que não lhe saía da cabeça. Voltara mais tarde para casa, a animada prosa no bar, com os amigos, se prolongara bastante, isso sempre ocorre quando se joga conversa fora. Nada de mais, pois era véspera do feriado de Finados e coisa alguma o impedia de dormir até tarde no dia seguinte. Foi quando, na esquina próxima de sua residência, debaixo de poste sem luz, um estranho bem vestido pediu-lhe cigarro. No momento chegou a desconfiar que pudesse ser um assaltante, por que será que insistimos em ver o mal em tudo? Tratava-se, porém, de jovem pacífico e amigoso, com vasta cabeleira preta, bigodes pretos e óculos de aros pretos, trajando paletó preto tipo “jaquetão”, como é que alguém ainda se anima a usar peça tão fora de moda? Conversaram durante alguns minutos, o estranho disse seu nome, que Juvenal não conseguiu gravar porque diferente dos que conhecia, insistindo em saber do que ocorrera na cidade nos últimos tempos, pois encontrava-se fora há muitos anos e precisava inteirar-se de tudo. Até lhe perguntara da Gracinha, que estudava na Escola Normal. Que nome estranho de escola é esse, perguntara-se Juvenal, porém concluiu que podia ser da periferia, a cidade crescera muito nos últimos tempos e era impossível saber de tudo. Mas a única Gracinha que conhecera fora, anos atrás, sua professora de quarto ano primário, por sinal muito competente, não podia ser aquela de quem o estranho lhe perguntava, vai ver a intenção dele era encontrar antiga namorada, quando se quer disfarçar o engenho humano encontra

mil maneiras. Contudo, nem deu tempo de responder-lhe, pois o desconhecido, com um breve aceno, virou a esquina a passos tão rápidos que parecia flutuar, e quando Juvenal foi ao seu encalço, já tinha desaparecido.

O que, entretanto, distraiu a atenção de Juvenal no cemitério e o tirou desses estranhos pensamentos, foi casual encontro com amigo que também estivera na roda de prosa da noite anterior e que insistia em falar-lhe do caso que tivera com uma tal Janete, a ocasião e o local não eram adequados para esse tipo de conversa, mas vá lá, talvez os mortos também se divirtam com lances de episódios burlescos.

De repente, porém, estacou paralisado e atônito diante de velho e esquecido sepulcro. Seu companheiro, ao lado, só pôde ver que Juvenal olhava fixamente para a foto ainda bem nítida de um jovem com vasta cabeleira preta, bigodes pretos e óculos de aros pretos, trajando paletó também preto, encimando epitáfio que dizia: “Temístocles Martins, nascido aos 20 de maio de 1.921 e falecido aos 12 de agosto de 1.950. Requiescat in pace”.

Darly Viganó
São. Sebastião,

30-08-2.008